



## LOUCURA E MÉTODO: O SISTEMA DO DOUTOR PIXE E DO PROFESSOR PENNA

*Luciane Alves Santos<sup>1</sup>  
Maria Alice Ribeiro Gabriel<sup>2</sup>*

**RESUMO:** O presente estudo pretende discutir o tema da loucura, comparando a perspectiva do narrador em “O Sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna” (1845) e outros contos de Edgar Allan Poe. A análise ilustra que a ciência, no século XIX, pretende remover o medo do desconhecido, dominando o mundo natural e suas leis; e que a ficção, o presumido oposto, representa uma extensão da mesma lógica, sob outro nome. Alguns escritores negaram qualquer obrigação de lealdade ao racionalismo científico e tentaram decifrar esse problema através do sonho e do sobrenatural. Obras fantásticas da literatura gótica – algumas novelas de Hoffmann e contos de Poe – iluminam esses pontos. Poe reinterpreto o Gótico na Era vitoriana com um narrador não nomeado e não-confiável, que insiste em sua racionalidade. O cômico e o horror grotesco resultam da psicologia dos seus personagens, frequentemente insanos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Edgar Allan Poe, Literatura, Loucura.

**ABSTRACT:** The present study aims to discuss the theme of madness, comparing the narrator’s perspective in “The System of Doctor Tarr and Professor Fether” (1845) and another short stories by Edgar Allan Poe. The analysis illustrates that science in the 19<sup>th</sup> century aims to remove the fear of the unknown, dominating the natural world and its laws; and that fiction, the presumptive opposite, represents an extension of the same logic under another name. Some writers denied any obligation of loyalty to scientific rationalism and tried to decipher this problem through the dream and the supernatural. Fantastic works of Gothic fiction – Hoffmann’s novels and some of Poe’s stories – illuminate these points. Poe reinterprets the Gothic in the Victorian Age, with an unnamed and often unreliable narrator that insists on his rationality. The comic and grotesque horror result of the psychology of his characters often descended into madness.

**KEYWORDS:** Edgar Allan Poe, Literature, Madness.

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras pela Universidade de São Paulo. Professora Adjunta do Departamento de Letras (campus IV) da Universidade Federal da Paraíba. Líder do grupo de pesquisas Variações do Insólito: do mito clássico à modernidade. UFPB/CNPq. E-mail para contato: [luciane45@gmail.com](mailto:luciane45@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutora em História Social pela Universidade de São Paulo. Museu da Tolerância de São Paulo - Departamento de pesquisa e documentação. Pesquisadora vinculada ao grupo Variações do Insólito: do mito clássico à modernidade. UFPB/CNPq. E-mail para contato: [mariaalicer@bol.com.br](mailto:mariaalicer@bol.com.br)

## Introdução

*Though this be madness, yet there is method in't.*

Hamlet: Act 2, scene 2

O século XIX fundamentou e difundiu – da Europa para as Américas – a crença no alcance e infalibilidade da ciência. A literatura assimilou o primado da racionalidade gradualmente, conjugando-o ao Fantástico, questionando-o no Simbolismo, aprimorando-o no Parnasianismo e tentando validá-lo por meio do Realismo e do Naturalismo. Entretanto, durante o período de transição entre o Romantismo e o Realismo, houve momentos de questionamento, concretizados indiretamente na ficção, pela comicidade e pelo tom irônico com que se expôs a presunção científica.

O objeto de nossa análise é o conto “O Sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna”, finalizado por Edgar Allan Poe em maio de 1844 e publicado pela primeira vez em novembro de 1845. Charles Baudelaire traduziu-o em 1864, para a coletânea *Histoires grotesques et sérieuses*. O propósito é reconhecer e analisar, de forma breve e comparada, através da retórica e percepção de alguns narradores de Poe, os temas do sonho e da loucura, no contexto de produção da literatura gótica na era vitoriana.

A influência de Poe excede os próprios domínios que abrange: o grotesco, o fantástico, o poético, o psicológico etc., cada uma das orientações de sua ficção tem fomentado novos estudos. O conjunto de sua obra enriqueceu a literatura simbolista, parnasiana e moderna, para além dos limites da prosa e da poesia, alcançando outras formas de expressão artística, nas artes gráficas, na música e no cinema. Poe é considerado precursor de novos gêneros literários, como a novela policial: August Dupin, ícone e paradigma na história da narrativa detetivesca – Monsieur Lecoq, Arsène Lupin, Sherlock Holmes e Hercule Poirot são algumas de suas memoráveis projeções.

Na ficção científica, desde seu primeiro grande êxito literário, a prolífica obra de Júlio Verne estabeleceu um “diálogo” permanente com os contos de Poe. *Cinco semanas em um balão* (1863) e *A Esfinge dos Gelos* (1895 -1897) são, respectivamente, extensões do conto *The Ballon Hoax* (1844) e da novela *A Narrativa de Arthur Gordon Pym* (1838). Verne expressou na ficção, como Baudelaire e Mallarmé (enquanto poetas e tradutores), seu reconhecimento pela obra de Poe.

As principais correntes modernas de abordagem sobre “O Sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna” dividem-se em duas vertentes: os estudos que relacionam o conto à psiquiatria no século XIX e a crítica à sociedade escravocrata sulista americana, anterior à Guerra da Secessão. Pelo tom humorístico e irônico do espetáculo dos outros loucos que se juntam ao diretor do asilo, Silvia Adriana Apostol (2011) considera o conto pertencente a um Fantástico de excesso do grotesco: Erckmann-Chatrian, Ion Luca Caragiale e Eugène Ionesco, seguindo o legado de Poe, construiriam, na expressão do absurdo, um discurso literário baseado no princípio de Hegel, em que tudo que é racional é real. Dominique Iehl (1997) ressalta a inquietante desordem grotesca do asilo: as pessoas normais e ou loucos, os médicos e os doentes invertem seus papéis em uma celebração extravagante, a princípio apenas incongruente, mas que se transforma pouco a pouco numa confusão cada vez mais *bizarra* e violenta. O grotesco surge quando a normalidade e a loucura não se distinguem mais.

O presente artigo organiza-se em três partes: a primeira traz uma sinopse do conto; a segunda examina o contexto de publicação e recepção da obra, abordando a visão científica e cultural sobre a loucura associadas à trama. A terceira discorre sobre a relação entre sonho e loucura no discurso narrativo de Poe. A primeira parte apresenta uma descrição do enredo do conto; a seguinte reúne as considerações de Arthur Robinson Quinn (2011) e de Martin Willis (2006) sobre ciência e pseudociência na literatura do século XIX; os comentários de Sidney Lind (1947) sobre o tema do mesmerismo em três contos de Poe: “Um conto das Montanhas Rochosas”, “Revelação mesmérica” e “O caso do Sr. Valdemar”, a partir do fascínio despertado pelo tema na Europa e

Estados Unidos, além das contribuições de Roger Bozzetto (2009), Daniela Fargione (2014), Thomas Bewley (2008), Dawn B. Sova (2007), Anthony Wilson (2006) e Benjamin Reiss (2008). A parte final analisa o discurso dos narradores de Poe a respeito da loucura e sua relação com o sonho, através das abordagens de Michael J. S. Williams (1988), Brett Zimmerman (2009) e Roger Bozzetto (2009).

## O Sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna

“O Sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna” (1844), após permanecer retido nas mãos dos editores durante meses, finalmente saiu à luz no *Graham’s Magazine*, em novembro de 1845. Segundo observa Arthur Hobson Quinn (2011, p. xv), não é motivo de espanto que um editor hesitasse, enquanto a história era o hábil retrato da tomada de um hospício francês por seus internos, o conto não era importante. A história é sobre um homem visitando um asilo de insanos em Paris, no século XIX. O narrador, não nomeado, relata que “durante uma viagem pelas províncias do extremo-sul da França, meu itinerário levou-me a algumas milhas de certa *Maison de Santé*, ou manicômio privado, de que ouvira muito, em Paris, de amigos médicos”. (POE, 2009, p. 1). O narrador e seu amigo conversam a respeito da *Maison de Santé* enquanto excursionam pelo campo:

e, deixando a estrada principal, entramos numa senda de mato alto que, meia hora mais tarde, quase se perdia numa densa floresta, que cobria a base de uma montanha. Por cerca de duas milhas, cavalgamos pelo bosque úmido e sombrio, quando então a *Maison de Santé* surgiu à vista. Era um fantástico *château*, muito danificado e na verdade pouco habitável, por sua aparência antiga e descuidada. Seu aspecto encheu-me de absoluto terror e, refreando meu cavalo, quase decidi retornar. (POE, 2009, p. 1-2).

Embora o *pathos* dos contos divirja, a descrição da *Maison de Santé*, repleta de elementos góticos, é similar à descrição que se encontra em “A queda da casa de Usher” (1839):

Durante um dia inteiro de outono, escuro, sombrio, silencioso, em que as nuvens pairavam, baixas e opressoras, nos céus, passava eu, a cavalo, sozinho, por uma região singularmente monótona – e, quando as sombras da noite se estendiam, finalmente me encontrei diante da melancólica casa de Usher. (...) Tal é, como sei, desde há muito, a lei paradoxal de todos os sentimentos baseados no terror. (...) Sua característica principal parecia ser a de uma excessiva antiguidade. (POE, 1978, p. 7-10).

Mesmo receoso, o narrador quer visitar o local. Antes de seu amigo deixá-lo, ele é apresentado ao diretor da casa, Monsieur Maillard, “um robusto e bem-apeesoado cavalheiro da velha escola, com maneiras polidas e certo ar de gravidade, dignidade e autoridade que impressionava”. (POE, 2009, p. 2). Ele tem conhecimento de que o manicômio utiliza um método especial para curar os pacientes, contando:

ouvira dizer, em Paris, que a instituição de Monsieur Maillard era administrada segundo o que é vulgarmente chamado de ‘sistema de apaziguamento’ – que todas as punições eram evitadas, raramente se recorria ao confinamento e, embora secretamente observados, os pacientes recebiam considerável liberdade, ainda que

aparente, e a maioria podia perambular pela casa e por toda a área, vestindo-se como pessoas de cabeça certa. (POE, 2009, p. 2)

O método ou “sistema de apaziguamento”, diz Maillard, significava ausência de punição ou confinamento para os pacientes. Entretanto, os médicos nunca diziam aos internos que suas fantasias eram falsas, mas os tratavam conforme seus delírios:

Posso descrevê-lo, em termos gerais, como um sistema em que os pacientes eram *ménagés*, contentados. Não contradizíamos *quaisquer fantasias* que entravam na cabeça do enlouquecido; pelo contrário: não apenas as tolerávamos como as estimulávamos. Muitas de nossas curas definitivas foram efetuadas desse modo. Não há outro argumento que opere tanto na frágil razão do louco como a *reductio ad absurdum*<sup>3</sup>. Tivemos homens, por exemplo, que se imaginavam frangos. A cura consistia em tomar a ideia como um fato, acusar o paciente de estupidez por não a perceber competentemente como um fato, e assim negar-lhe, por uma semana, qualquer outro tipo de dieta que não fosse propriamente típica a um frango. Desse modo, um pouco de milho e cascalho faziam maravilhas! (POE, 2009, p. 4).

Monsieur Maillard, o diretor da *Maison de Santé*, oferece ao narrador a possibilidade de conhecer suas dependências. Enquanto perambulam pela casa, o narrador descobre que o “sistema de apaziguamento” fora removido, e Monsieur Maillard esclarece que: “O *perigo* do sistema de apaziguamento sempre foi apavorante, e suas vantagens têm sido excessivamente superestimadas”. (POE, 2009, p. 3).

O narrador é convidado a jantar no manicômio aquela noite. Um grupo de 25 a 30 pessoas reúne-se a ele e a Monsieur Maillard. Há música e uma mesa magnificente. O narrador surpreende-se com as vestimentas excêntricas dos convivas: “Muitas mulheres, por exemplo, cuja idade não poderia ser menor que setenta, estavam enfeitadas com uma profusão de joias, tais como anéis, pulseiras e colares, e tinham o busto e os braços vergonhosamente à mostra”. (POE, 2009, p. 5). O tópico “loucura” é o foco da conversa, “genérica e espirituosa”, do “grupo bem educado”, liderado por Monsieur Maillard. Algumas das histórias sobre as alucinações dos pacientes e seus caprichos, “entre outras esquisitices”, assombam o narrador.

Monsieur Maillard anuncia que agora usa o sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna. O “sistema de apaziguamento” fora abandonado porque os pacientes, numa “singular circunstância”, usurparam o ofício de guarda. “Numa conspiração pela destituição dos poderes reinantes”, confia Monsieur Maillard ao narrador, os pacientes “Livraram-se de suas roupas esfarrapadas e aproveitaram-se do guarda-roupa e das joias da família. (...) Viveram bem, posso assegurar-lhe”. (POE, 2009, p. 16). Maillard ainda esclarece ao narrador que uma contrarrevolução seria impossível, pois:

O cabeça dos rebeldes era esperto demais para isso. Ele não admitia visitantes – com a exceção, um dia, de um jovem senhor de aparência estúpida que ele não tinha razão de temer. Permitiu-lhe ver o local, apenas para variar, para divertir-se um pouco com ele. Depois de ludibriá-lo o suficiente, deixou-o partir e retomar seus negócios. (POE, 2009, p. 15).

Durante o jantar, um dos membros da equipe aprisionada, “escapando por uma cloaca, libertou todos os outros”. Assim, o narrador identificou os convivas como os pacientes que haviam assumido o controle do

<sup>3</sup> Argumentação que consiste em provar algo através da explicitação do absurdo de sua negação. (N. do T.)

manicômio. Uma vez libertados, os guardas trancafiaram os pacientes originais, inclusive Monsieur Maillard. Ao final, o “jovem senhor de aparência estúpida”, frustrado em seu “empenho de obter ao menos um exemplar dos trabalhos do Doutor Pixe e do Professor Penna”, admite que o sistema de tratamento do Dr. Maillard “era, realmente, de primeira”. (POE, 2009, p. 18).

## Ciência como alienação

Ao fim do século XIX, numerosos europeus acreditavam que acabariam por conhecer todo o real, graças à ciência: remontando, do encadeamento das causalidades à causa suprema, construir-se-ia um sistema que desvendaria, como se inscreve no parágrafo final da *Carta de Epicuro a Heródoto*, a “natureza da totalidade das coisas”. Mas que preservaria intacta, “a coisa em si”, que Kant teria por incognoscível: o domínio da fé. Uns veneravam a ciência, outros a Deus, e, o maior número, a ciência e a Deus. As diferenças se manifestam nas artes, os naturalistas proclamam o “real” e atacam as ilusões idealistas, enquanto os simbolistas aclamam as alegorias, os mitos e os devaneios (CAMELIN, 2012).

Contudo, nas primeiras décadas de 1800, segundo Arthur Robson Quinn (1951, p. 771), ainda para muitos americanos, que alardeavam de forma exuberante e livre, os maravilhosos resultados da ciência, a palavra limitava-se a uma dupla conotação: a acumulação dos fatos empíricos ou a aplicação de teorias na indústria e agricultura. Os poucos americanos tributários da pura ciência, como Josiah Willard Gibbs, não eram muito conhecidos. Nos colégios, onde os cursos científicos eram secundários em relação à pedagogia ou humanidades, o estudo da teoria científica permaneceu afetado pela “filosofia natural”, herdada de tempos passados.

Os jornais frequentemente reimprimiam discursos, ensaios ou tratados de figuras importantes no âmbito científico. Periódicos como o *Popular Science Monthly* (1872-95) floream o assunto, e os folhetins literários também anunciavam sua devoção às publicações dos que seriam os renomados homens de ciência: Henry David Thoreau (1817-1862), John Burroughs (1837-1921), um discípulo de Emerson e Whitman e John Muir (1838-1914), um emersoniano estudioso de florestas e geleiras do leste (QUINN, 1951, p. 771).

Para Quinn (1951, p. 776), as diferenças entre os métodos e propósitos da ciência e aqueles das *belles-lettres* são tão radicalmente distintos que, para a maior parte, a influência da ciência sobre a literatura é, provavelmente, indireta. Mas, não importa quão dúbia ou difícil seja para a ciência a atribuição das opiniões filosóficas sustentadas individualmente por um autor, está claro que a ciência forneceu assunto para a literatura. E não será necessário afirmar que, quando a literatura utiliza a ciência ou os cientistas por tema, os resultados são usualmente pseudocientíficos.

Poe começou a anunciar suas teorias críticas em “Carta ao Senhor B.” – uma introdução a seus poemas em 1831. O mais importante, o estatuto de que “Um poema, em minha opinião, é oposto ao trabalho da ciência, por ter por seu objeto imediato o prazer, não a verdade,” ele tomou, *verbatim*, de Coleridge (1984, p. cviii). Poe empregou o termo ciência em seu sentido primário de fatos verificados e realmente objetivos, para indicar que sua poética ou ficção não contém nenhuma inverdade essencial. Mais tarde, de fato, ele falou do desejo de “conhecer”, essencial para a poesia. O poema “Israfel” expressa sua posição de que “um desapaixonado canto”<sup>4</sup> era para ser desprezado (QUINN, 1951, p. 387).

Na prosa, apesar de ser razoavelmente bem informado em ciências e matemática, Poe parece ter tido a mente de um matemático e, conseqüentemente, não a empregou em frases vagas, denotando uma considerável tentativa para imbuir de precisão o pensamento (QUINN, 2011, p. xvii). Ele informou-se sobre as buscas e conquistas científicas de seu tempo para compor alguns de seus mais famosos *hoaxes*, como “A aventura sem paralelo de um tal Hans Pfaal” (1835, *Southern Literary Messenger*), *A narrativa de Arthur Gordon Pym* (1837 e 1838,

<sup>4</sup> “Tu não erras, portanto, / Israfel, se te esquivas/a um desapaixonado canto.” (POE, 2000, p. 292).

*Southern Literary Messenger*), sua novela inacabada *The Journal of Julius Rodman* (1840, *Burton's Gentleman's Magazine*), “O embuste do balão” (1844, *New York Sun*), “O sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna” (1844), “O caso do Sr. Valdemar” (1845, *The American Review*) e “Von Kempelen e sua descoberta” (1849, *Flag of Our Union*). Alguns pendem para a sátira, como “O sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna”; outros oscilam entre o cômico e o patético, a exemplo de “O caso do Sr. Valdemar”.

Concomitante à publicação de “O sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna”, Poe explorou o tema do mesmerismo em sua trilogia: “Uma estória das Montanhas Rochosas” (abril de 1844, *Godey's Lady's Book*); “Revelação mesmérica” (agosto de 1844, *Columbian Magazine*) e “O caso do Sr. Valdemar” (1845). O assunto do magnetismo animal despertava o interesse popular e estava sempre imbuído de uma aura de mistério. Poe conjugou-o à Fisiognomia e à Frenologia (QUINN, 2011, p. xii), empregando-as para descrever, com minúcia, a condição clínica de Augusto Bedloe em “Uma estória das Montanhas Rochosas” e dos tuberculosos em “Revelação mesmérica” e “O caso do Sr. Valdemar”.

Os três contos refletem o contínuo interesse de Poe pelo mesmerismo (hoje considerado uma pseudociência da época) e parte do princípio, segundo Sidney Lind (1947, p. 3), de Poe ter desenvolvido um trabalho específico em sua ficção, fundamentado em suas ideias sobre os efeitos e usos da hipnose. O resultado é que as três histórias constituem uma série, nas quais o experimento mesmérico torna-se, de forma gradativa, mais profundo, independentemente de sua plausibilidade ou implausibilidade, ou se Poe estava, em dois ou três deles, iludindo seus leitores (LIND, 1947, p. 3).

Em carta ao editor Evert Augustus Duyckinck, datada de 30 de dezembro de 1846, Poe comentava seu reconhecimento no exterior. A publicação de “Crimes da Rua Morgue” (1841, *Graham's Magazine*) em Paris, pelo *Le Charivari*, não causara tanta repercussão como o “Caso Valdemar”, editado em panfleto na Inglaterra, pela *Short & Co of London*, sob o título de “Mesmerismo em *articulo mortis*” (“*Mesmerism in articulo mortis*”). O conto circulou pela imprensa londrina, editado pelo *The Morning Post*, e seguido do *The Monthly Record of Science & Co*, com o significativo título de “Os últimos dias do Sr. Valdemar. Do autor de ‘A última conversação de um sonâmbulo’ – Revelação mesmérica” (“The Last Days of M. Valdemar. By the author of The Last Conversation of a Somnambule” – Mesmeric Revelation) (QUINN, 2011, p. xvi).

Na tradição gótica, o tema do mesmerismo fora abordado antes por Hoffmann, no início do século XIX, em “O Magnetizador” (1814). De acordo com Martin Willis (2006, p. 29), Hoffmann não menciona somente as preocupações científicas contemporâneas. Suas narrativas ficcionais exploram, preferivelmente, a relação entre ciência mecânica, mesmerismo e a tradição mágica, na qual o “conhecimento” é obtido de uma forma mais esotérica. Poe adotou outra fórmula, dando ênfase ao papel do narrador. “Uma estória das Montanhas Rochosas”, interroga os limites entre realidade e sonho, espaço e tempo; “Revelação mesmérica” e “O caso do Sr. Valdemar” são tentativas de perscrutar a consciência sobre a morte e a imortalidade, através do transe hipnótico. Convém observar que a técnica de hipnose, nos contos de Poe, segue os princípios do mesmerismo. Ainda com finalidades terapêuticas, a técnica vinculou-se à história da Neurologia e Psicologia, aos estudos sobre a histeria de Jean Martin Charcot e Sigmund Freud, no famoso centro psiquiátrico de Paris, o Hospital da Salpêtrière.

Para Sidney Lind (1947, p. 2), comparar a popularidade do mesmerismo, no início do século XIX, à difusão da teoria psicanalítica de Freud, Jung e Adler, mais de meio século depois, é fazer uma frágil analogia, considerando a diferença no tempo e o desenvolvimento da ciência entre as duas eras. Sobretudo, o interesse pelo mesmerismo produzia um apelo direto e generalizado, por envolver misticismo e sensacionalismo.

Embora a loucura tenha sido um tema de interesse popular na literatura gótica da era vitoriana, sua natureza e origem imprecisa foram abordadas, mais a partir do sobrenatural que de um ponto de vista médico-científico. O Gótico criou um enfoque distinto para a insanidade, permeado de mistério e morbidez, revelando suas manifestações e estágios por meio de personalidades criminosas, excêntricas ou grotescas. Segundo Arthur Robinson Quinn (2011, p. x), é necessário recordar que, naqueles dias, insanidade e sanidade eram termos



categoricos, e a possibilidade de retroceder à saúde mental, após haver cruzado os seus limites, era quase inexistente.

A fronteira entre insanidade e sanidade em “O sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna” permanece confusa: o narrador protagonista em Poe é geralmente não-confiável, segundo o termo estabelecido por Wayne Booth em *The Rethoric of Fiction* (1983). Aparentemente ingênuo, ele é guiado através da *Maison de Santé*, ouvindo as explanações do sensato diretor do asilo, que o define por “um jovem senhor de aparência estúpida que ele não tinha razão de temer”. (POE, 2009, p. 15). Monsieur Maillard revela-se, ao final, um lunático, além de exímio escamoteador:

Depois de lá ficar por cerca de quinze minutos, no entanto, tempo em que prestei ouvidos ao que estava ocorrendo no recinto, cheguei a um *dénouement*<sup>5</sup> satisfatório de tal tragédia. Parecia que Monsieur Maillard, ao falar-me do lunático que incitara seus colegas à rebelião, tinha meramente relatado suas próprias façanhas. De fato, dois ou três anos antes, tal cavalheiro tinha sido o diretor do estabelecimento; contudo, acabou por ficar louco, tornando-se, então, um paciente. Esse fato era inédito ao conhecido que viajava comigo, que me havia apresentado a ele. (POE, 2009, p. 17).

Após deixar o “sistema de apaziguamento”, Monsieur Maillard oferece aos guardas, seus pacientes, o regime do século anterior: “Não há previsão para os caprichos de um louco, e, em minha opinião, como também na do Doutor Pixe e do Professor Penna, *nunca* é seguro deixá-los livres, sem seres vigiados”. (POE, 2009, p. 14):

Os guardas, em número de dez, tendo sido subitamente dominados, foram, primeiramente, besuntados com piche e, depois, cuidadosamente cobertos de penas, e assim foram encarcerados nas celas subterrâneas. Estiveram aprisionados por mais de um mês, período em que Monsieur Maillard generosamente lhes oferecia não apenas o piche e as penas (que constituíam seu ‘sistema’), mas também um pouco de pão e uma abundância de água. (POE, 2009, p. 17).

Conforme observa Roger Bozzetto (2009), na realidade social, ainda no século XVIII, os loucos eram tratados como as bestas selvagens, acorrentados, expostos ao ar glacial dos asilos, como testemunha o famoso médico de Londres, em suas observações sobre o asilo de Glasgow em *La fée aux miettes* (1832), de Charles Nodier. É o doutor Phillippe Pinel que, durante a Revolução Francesa, nomeado médico chefe do Bicêtre, decide abolir as correntes, malgrado a hostilidade dos guardas. O século XIX vê as *maisons de santé* abrirem as portas para as doenças mentais, recordar-se-á ao menos da *Maison du docteur Blanche*, fundada em 1821, em Montmartre, e que alojou Nerval, Maupassant, Charles Gounod e Vincent Van Gogh (BOZZETTO, 2009).

De acordo com Daniela Fargione (2014), quando “O sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna” foi publicado, no mesmo ano da implementação do Ato dos Lunáticos (*The Lunacy Act*), na Inglaterra, mudando dramaticamente o conceito de insano, de prisioneiro para paciente, os leitores de Poe já estavam familiarizados com uma completa galeria de “alienados.” Naquela época, as desordens mentais haviam sido descritas como hereditárias e primariamente definidas como “hipertrofia dos sentidos”, sendo confinadas ao espaço doméstico. Em contraste, “O sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna”, é o primeiro e único conto de Poe que aborda a doença mental como patologia reconhecida e com um asilo de loucos, o *locus* ideal para seu tratamento e, em particular, para o “tratamento moral” de Philippe Pinel, referido no conto por “sistema de apaziguamento.”

<sup>5</sup> Desfecho de um enredo. (N. do T.)

Na era vitoriana, consoante a narrativa, “o regulamento de tais hospícios privados era mais rígido que as leis dos hospitais públicos.” (POE, 2009, p. 1). Thomas Bewley, em *Madness to Mental Illness: A History of the Royal College of Psychiatrists* (2008), afirma que, nos séculos XVIII e XIX, as pessoas com desordens mentais poderiam ser excluídas da sociedade. Consideradas inofensivas, elas eram ignoradas e seguiam com suas vidas o melhor que pudessem; se consideradas perigosas, elas eram confinadas, muitas vezes em condições degradantes. O confinamento foi um meio de removê-las da sociedade; o tratamento era rudimentar e medidas de contenção eram necessárias algumas vezes. A enfermidade do rei George III (1738 – 1820) granjeou atenção pública e política para os transtornos mentais – políticos e médicos tornaram-se mais diligentes com o assunto, e asilos foram construídos, levando à fundação, em 1841, da “Association of Medical Officers of Asylums and Hospitals for the Insane”.

Segundo Dawn B. Sova (2007, p. 165) e Anthony Wilson (2006), parte da crítica vê no conto uma alusão à situação que a abolição dos escravos poderia acarretar. Em 1804, o Estado de Nova Jersey iniciou uma abolição gradual da escravidão, similar à Lei do Ventre Livre, ou “Lei Rio Branco”, promulgada no Brasil em 28 de setembro de 1850. O processo completou-se com a ratificação da décima terceira emenda à Constituição dos Estados Unidos, em 1865. As palavras alcatrão (*tarring*) e pluma (*feathering*) referem-se ao modo de punir os abolicionistas capturados no Sul.

Benjamin Reiss (2008) apresenta, a partir de sua leitura de “O sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna”, algumas contradições pertinentes à ideologia dos asilos (ou hospícios). Sua leitura questiona a posição dos asilos numa sociedade considerada pós-revolucionária e democrática. Para Reiss (2008, p. 20), o conto relaciona a emergência do tratamento moral com a deflagração do terror revolucionário na França, e, através da aterradora analogia racial no fim, sugere a imagem de uma insurreição dos escravos contra seus senhores, no Sul dos Estados Unidos.

Poe cedo tomou seu lugar entre os homens de letras dos séculos XIX e XX, impacientes pelo dogmatismo da ciência. Ele expressou-o em sua carta: “The Vestiges of Creation” (QUINN, 2011, p. xvii), mas interrogou-o em “O sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna” e nos seus contos sobre o mesmerismo. Longe da ficção, Phillipe Pinel, na França, os abolicionistas William Tuke, Henry Tuke e Daniel Hack Tuke, na Inglaterra, Benjamin Rush, nos Estados Unidos, precursores de uma reabilitação moral para as pessoas insanas, viram a luz da psiquiatria acreditando no progresso: mas civilização e humanitarismo avançavam lentamente, buscando resgatar o tratamento das doenças mentais da barbárie, crueldade, ignorância e superstição.

## Sonho, loucura e realidade

Curiosamente, parece existir uma linha divisória entre os contos de Poe em que se insere a cultura científica de seu tempo e aqueles nos quais o protagonista é alguém psicologicamente atormentado. Em “A queda da Casa de Usher” (1839, *Burton's Gentleman's Magazine*), na primeira parte da narrativa, o abatido e ensimesmado companheiro de infância do narrador, Roderick Usher, obstina-se em explicar o seu mal:

Referiu-se, durante bastante tempo, sobre o que pensava acerca da natureza de sua enfermidade. Era, disse, um mal constitucional de família, para o qual não tinha esperança de encontrar remédio; uma simples afecção nervosa, acrescentou logo, que, sem dúvida, não tardaria a passar. Manifestava-se numa variação de sensações nada naturais. Algumas, enquanto ele as pormenorizava, me interessaram e confundiram, embora talvez os termos empregados e a maneira geral da narração influíssem



bastante para isso. Sofria muito de uma agudeza mórbida dos sentidos: (...) Vi que era escravo forçado de uma espécie anômala de terror.

– Morrerei – disse-me –, *devo* morrer desta deplorável loucura. (POE, 1978, p. 12-3).

O excerto mostra o esforço de Roderick Usher e do narrador em desvendar a natureza de sua enfermidade. Michael J. S. Williams (1988, p. 132) chama atenção para a inabilidade de alguns personagens de Poe para compreender os eventos que violam suas expectativas – um arranjo sintomático da alteridade de sua “insânia”, mas conveniente para o misterioso ou o ostensivamente irracional. O tema da loucura é frequente no conflituoso monólogo de suas personagens, obcecadas por conservar sua razão, a exemplo do narrador de “O Coração Denunciador” (1843, *The Pioneer*):

É verdade! Tenho sido e sou nervoso, muito nervoso, terrivelmente nervoso! Mas, por que ireis dizer que sou louco? A enfermidade me aguçou os sentidos, não os destruiu, não os entorpeceu. Era penetrante, acima de tudo, o sentido da audição. Eu ouvia todas as coisas, no céu e na terra. Muitas coisas do inferno ouvia. Como, então, sou louco? Presta atenção! E observai, quão lucidamente, quão calmamente vos posso contar toda a história. (POE, 2000, p. 202).

Os personagens mental e emocionalmente perturbados de Poe não apresentam um discurso incoerente ou qualquer déficit de comunicação. Mesmo na descrição de seus delírios e fantasias, não demonstram qualquer dificuldade em organizar seus pensamentos ao nível da linguagem, ao contrário, seu elaborado raciocínio segue o processo da lógica para tentar justificar suas obsessões. Assim se comportam, inicialmente, Monsieur Maillard e a bela jovem apresentada ao narrador nas dependências da *Maison de Santé*:

Trajava denso luto e suscitou em meu peito um sentimento misto de respeito, interesse e admiração. (...) Tendo em vista essas impressões, fui cauteloso com o que disse na presença da jovem, pois não estava certo se era sã, e de fato havia certo brilho irrequieto em seus olhos que, de algum modo, me fez imaginar que não o era. Restringi meus comentários, desse modo, a tópicos gerais, àqueles que julguei não serem desagradáveis ou inquietantes nem mesmo a um lunático. Ela respondeu de maneira perfeitamente racional a tudo o que eu disse; mesmo suas próprias observações eram marcadas pelo mais firme bom senso; porém, longa familiaridade com a metafísica da *mania* me ensinara a não dar crédito a tais evidências de sanidade, e assim continuei a empregar, durante a conversação, a cautela com que a iniciara. (POE, 2009, p. 2-3).

De acordo com Brett Zimmerman (2009, p. 149), Poe esboçava com engenhosidade a psicologia de suas personagens. Como Herman Melville, ele reconhecia que as pessoas portadoras de transtornos mentais não aparentavam ser psicologicamente instáveis todo tempo – que os delírios e a tagarelice incompreensível nem sempre identificavam o insano – uma das lições de “O sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna”.

“Morella” (1835, *Southern Literary Messenger*), o qual, em um nível, contém o relato do desenvolvimento da fixação do narrador, pode ser considerado igualmente o produto dela. No entanto, mais está envolvido, além da questão da relativa loucura ou insanidade do narrador: o conto investiga a própria ideia de um ego em que cada julgamento pode ser escrutinado (WILLIAMS, 1988, p. 25). O mesmo é possível verificar no delusório autoconhecimento que o narrador de “O Coração Denunciador” atesta, evidenciando a loucura que pretende arrojar de si próprio (WILLIAMS, 1988, p. 38). Tentando descrever a essência da beleza de “Ligeia” (1838,

*Baltimore American Museum*), o narrador reconhece que suas ações poderiam ser facilmente classificadas como “loucura”, e ainda seu segundo casamento, “num momento de alienação mental”:

Mesmo na infância, eu tomara gosto por tais fantasias, e agora elas me voltavam, como uma extravagância do pesar. Ai! Sinto quanto de loucura, mesmo incipiente, pode ser descoberta nas tapeçarias ostentosas e fantasmagóricas, nas solenes esculturas egípcias, nas fantásticas colunas, nos móveis estranhos, nos desenhos alucinados dos tapetes enfeitados de ouro! Tornei-me um escravo acorrentado às peias do ópio, e meus trabalhos e decisões tomavam o colorido de meus sonhos. (POE, 2000, p. 240).

Os românticos, e Nodier em particular, comparavam o louco ao sonhador ou ao poeta, visitado pela inspiração, criador das mais belas invenções pelas vias do sonho. O louco seria um sonhador impossibilitado de emergir de seu sonho – para Nodier, “le prolongement infini du sommeil qui fait le monomane”<sup>6</sup>. (NODIER, 1996 p. 29 apud BOZZETTO, 2009). O relato da visão ou experiência de Augusto Bedloe:

Vocês dirão agora, sem dúvida, que eu sonhava. Mas não é verdade. O que eu via, o que eu ouvia, o que eu sentia, nada tinham da sensação inconfundível do sonho. Tudo era rigorosamente real. A princípio, duvidando de que estivesse realmente acordado, iniciei uma série de experiências que logo me convenceram de que estava efetivamente desperto. Ora, quando alguém sonha, e no sonho suspeita de que está sonhando, a suspeita nunca deixa de confirmar-se e o dormente é quase imediatamente despertado. De modo que Novalis não erra em dizer que: nós estamos quase despertando, quando sonhamos que estamos sonhando. Tivesse-me ocorrido a visão; como a descrevo, sem que a suspeitasse de ser sonho, então um sonho ela poderia verdadeiramente ter sido, mas, ocorrendo como ocorreu, e suspeitada como era, sou forçado a classificá-la entre outros fenômenos. (POE, 2014b, p. 4).

E no conto “Enterro prematuro” (1844, *Dollar Newspaper*) é como se, em efeito, o sonho fosse a porta de entrada da loucura. Assim o descreve o narrador de “Leonor” (1841, *The Gift for 1842*):

Chamaram-me de louco; mas a questão ainda não está resolvida: se a loucura é ou não a inteligência sublimada, se muito do que é glorioso, se tudo o que é profundo não brota do pensamento enfermo, da maneira do espírito exaltado, a expensas da inteligência geral. Os que sonham de dia conhecem muitas coisas que escapam aos que sonham somente de noite. Nas suas visões nevoentas, logram vislumbres de eternidade, e sentem viva emoção, ao despertar, por descobrirem que estiveram no limiar do grande segredo. (POE, 2014a, p. 1).

O narrador de “A queda da Casa de Usher” hesita em transpor o limiar da mansão de Roderick, antes de descobrir o terrível segredo da “deplorável loucura” (POE, 1978, p. 13) de seu amigo: “Afastando do meu espírito o que não podia ser senão um sonho, examinei mais atentamente o aspecto real da casa”. (POE, 1978, p. 10). A contemplação da casa reflete o mesmo “terror intenso e intolerável” (POE, 1978, p. 15) que Roderick projeta em suas telas. E o jovem cavalheiro de “O sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna” detém-se irresoluto por um momento, em frente aos portões da *Maison de Santé*, ignorando a verdadeira situação do local: “Seu aspecto

<sup>6</sup> O prolongamento infinito do sonho é que faz o monomaniaco.

encheu-me de absoluto terror e, refreando meu cavalo, quase decidi retornar. Logo depois, entretanto, envergonhei-me de minha fraqueza e fui em frente”. (POE, 2009, p. 2).

Ambos estancam diante do limite que separa o mistério da revelação, ou ainda, dos universos do “sonho” e do “real”, da insanidade e da lucidez. A “incansável fantasia” e “concepções fantasmagóricas” de Roderick Usher, “puras abstrações que o hipocondríaco conseguia lançar em suas telas”, (POE, 1978, p.15), embora mais requintadas que as “façanhas” de Monsieur Maillard, poderiam incluí-lo na mesma instituição “do lunático que incitara seus colegas à rebelião”. (POE, 2009, p.17).

“O sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna” pode ser lido como uma paródia de “A queda da Casa de Usher” (SOVA, 2007, p. 165), vista na descrição inicial do caminho que os narradores percorrem a cavalo até se depararem com o cenário lúgubre; na impressiva contemplação da fachada; na recepção pelos anfitriões que tentam dissimular sua insanidade: Maillard, “um bem-apeesoado cavalheiro da velha escola, com maneiras polidas e certo ar de gravidade, dignidade e autoridade que impressionava” (POE, 2009, p. 2), e Roderick Usher, pela “exagerada cordialidade, o exagerado esforço de um homem da sociedade *ennuyé*”<sup>7</sup>. (POE, 1978, p. 11).

## Considerações finais

Os *hoaxes* e contos pseudocientíficos de Edgar Allan Poe, com suas copiosas invenções e detalhada informação médica, estabeleceram um diálogo com a cultura científica e pseudocientífica da era vitoriana. Ele imprimiu seu traço lógico e peculiar ao gênero fantástico, conjugando-o ao grotesco na narrativa de horror. A ambientação de suas histórias de terror orienta-se de acordo com a projeção do mundo real, através da conturbada percepção de seus narradores e personagens. “O Sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna” reúne duas perspectivas diversas sobre o tema da loucura, pois conta com dois narradores simultâneos: o jovem de aparência ingênua que visita o hospício e o diretor da *Maison de Santé*, Monsieur Maillard.

O primeiro discurso identifica-se, *a priori*, com a retórica científica da época, publicada nos folhetins de grande circulação, que divulgavam os avanços científicos, editando ensaios e novas publicações dos grandes nomes da época. Através das explanações de *Monsier Maillard*, durante o *tour* oferecido ao jovem protagonista pelo hospício, é possível vislumbrar o quadro das instituições destinadas à doença mental no século XIX, a compreensão dos distúrbios mentais, o desenvolvimento da psiquiatria e a evolução do tratamento desumano oferecido aos internos no século XVIII, para um “sistema de apaziguamento”, que buscava reabilitar, moralmente, na medida do possível, o insano em confinamento. O jovem protagonista e a sociedade da época buscam assimilar e reproduzir como podem esse discurso científico. O segundo discurso, mais inquietante, é o de Monsieur Maillard em sua condição de insano, que tenta dissimular e resiste à perda da razão, para conservar sua liberdade e privilégios.

## REFERÊNCIAS

APOSTOL, Silvia Adriana. *Le Fantastique Littéraire en France et en Roumanie. Quelques Aspects au XIXe Siècle: Une Rhétorique de La (Dé)Construction?* 381 f. Thèse de doctorat. Université Paris-Est École Doctorale Cultures et Sociétés, Université de Pitești, Faculté des Lettres, 2011.

BEWLEY, Thomas. “Madness to Mental Illness: A History of the Royal College of Psychiatrists”. RC Psychc Publications, 2008. Disponível em: <http://www.rcpsych.ac.uk/files/samplechapter/madnesstomillnessschap.pdf>. Acesso em: 13 ago 2014.

<sup>7</sup> Entediado. (N. do T.)

- BOOTH, Wayne C. *The Retic of Fiction*. Chicago & London: The University of Chicago Press, 1983.
- BOZZETTO, Roger. "Folie et littérature fantastique". *La Revue des Ressources*, dimanche 30 août de 2009. Disponível em: <http://www.larevuedesressources.org/folie-et-litterature-fantastique,772.html?lang=pt>. Acesso em: 09 ago 14.
- CAMELIN, Colette. "Bovarysme et Tragique". *Fabula -LhT*, n° 9, Après le bovarysme, mars 2012. Disponível em: <http://www.fabula.org/lht/9/camelin.html>. Acesso em: 06 ago 2014.
- COLERIDGE, Samuel Taylor. *Biographya Literaria*. New Jersey: Princeton University Press, 1984.
- FARGIONE, Daniela. "The Irony of E.A. Poe's Lunatick Asylum". *Academia.edu*. Disponível em: [http://www.academia.edu/1755665/\\_The\\_Irony\\_of\\_E.A.\\_Poes\\_Lunatick\\_Asylum\\_](http://www.academia.edu/1755665/_The_Irony_of_E.A._Poes_Lunatick_Asylum_). Acesso em: 11 jul 2014.
- IEHL, Dominique. "Grotesque et horreur chez Poe". In: *Le grotesque*. Que sais-je? Paris: Presses Universitaires de France, 1997.
- LIND, Sidney E. "Poe and Mesmerism". In: *PMLA*, Vol. 62, n° 4, Dec., 1947, p. 1077-1094. JSTOR. North Carolina State University. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/459150>. Acesso em: 27 jun 2014.
- POE, Edgar Allan. *Leonor*. Tradução anônima. Disponível em: <http://portugues.free-ebooks.net/ebook/Eleonora/pdf/view>. Acesso em: 09 ago 2014.
- POE, Edgar Allan. *Histórias Extraordinárias*. Tradução de Breno Silveira e outros. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- POE, Edgar Allan. "O Sistema do Doutor Pixe e do Professor Penna". Trad. Bruno Pentead. *REVISTA LITTERIS*, São Paulo, n° 2, maio de 2009.
- POE, Edgar Allan. *Poesia e Prosa*. Trad. Oscar Mendes e Milton Amado. São Paulo: Ediouro, 2000.
- POE, Edgar Allan. *Uma estória das Montanhas Ragged*. Tradução anônima. Disponível em: [www.share-pdf.com/.../allan-poe-contos-de-terror-mis.pdf](http://www.share-pdf.com/.../allan-poe-contos-de-terror-mis.pdf). Acesso em: 11 ago 2014.
- QUINN, Arthur Hobson. *Edgar Allan Poe: A Critical Biography*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2011.
- QUINN, Arthur Hobson. *The Literature of the American People: an historical and critical survey*. New York: Appleton-Century-Crofts, Inc., 1951.
- REISS, Benjamin. *Theaters of Madness: Insane Asylums and Nineteenth-Century American Culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.
- SOVA, Dawn B. *Critical companion to Edgar Allan Poe. A Literary Reference to his Life and Work*. New York: VB Hermitage, 2007.
- WILLIAMS, Michael J. S. *A World of Words: Language and Displacement in the Fiction of Edgar Allan Poe*. Durham: Duke University Press, 1988.
- WILLIS, Martin. *Mesmerists, Monsters, and Machines: Science Fiction and the Cultures of Nineteenth Century*. Kent/Ohio: Kent State University Press, 2006.
- WILSON, Anthony. *Shadow and Shelter: The Swamp in the Southern Culture*. Mississippi: The University Press of Mississippi, 2006.
- ZIMMERMAM, Brett. "Frantic Forensic Oratory: Poe's "Tell-Tale Heart"". In: BLOOM, Harold. (Ed.) *Bloom's Modern Critic Interpretation: Edgar Allan Poe's the Tell-Tale Heart and Other Stories*. New York: Infobase Publishing, 2009.